



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 7 - Ano 4 - Nº 7 - Janeiro / 2016
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – EDUCAÇÃO PARA A PLENITUDE DO SER

Amélia Rodrigues* /Divaldo Franco*

A educação é a base sobre a qual se sustentam o indivíduo e a sociedade. Sem ela a vida humana retornaria ao estado primitivo, de quase barbárie, sem que se pudessem definir os valores éticos, sociais e morais da criatura e do grupo social no qual se movimenta.

A educação tem por base um sistema seletivo, sistematizado e orientador, mediante o qual o indivíduo se adapta à vida, ao seu conjunto de proposições e desafios, nos diferentes períodos da evolução política, social e cultural. Não pode ser confundida com a instrução pura e simples, por abranger todas as necessidades que dizem respeito ao indivíduo. Compreende a soma dos recursos e dos acontecimentos que a condicionam ao meio social. Como consequência, a educação tem variado desde os primórdios do pensamento, de acordo com as conquistas da experiência e sua aplicação prática no comportamento dos seres.

No passado, foi exercida pelo poder dominante, representado pelo Estado, tendo em vista os seus interesses políticos, particularmente para esmagar as classes mais fracas que lhe eram submetidas. A estes últimos somente eram permitidos ensinamentos que os capacitassem para servir ou para distrair os amos, sempre considerados seres superiores que deveriam ser atendidos sem qualquer reclamação.

À medida, porém, que variavam as condições da sociedade, os rumos da educação foram alterados.

A educação, no entanto, sempre foi um dever dos pais para com os filhos, dos irmãos mais experientes em relação aos mais jovens. Com o tempo essa tarefa passou a ser transferida a outras pessoas, algumas mais esclarecidas e hábeis, dando curso ao surgimento dos mestres e educadores.

A Grécia destacou-se como a grande formadora de educandos. Em Creta, o Estado se encarregava dessa tarefa até quando os jovens masculinos atingiam os 17 anos, transferindo-os para uma escola especial onde eram preparados para a vida de soldados e de cidadãos até aos 27 anos de idade. Mais tarde, Atenas se encarregou de estabelecer a educação individual, mediante a dedicação das genitoras e das nutrizas, como preparação para que os meninos fossem encaminhados às escolas a partir dos sete anos, que passaram a existir por volta do século VI a.C. Esparta, no entanto, preparava os seus filhos somente para se tornarem soldados, não deixando de educar as meninas, a fim de que se fizessem fortes, para poderem gerar filhos saudáveis. Em Roma, porém, os pais possuíam o poder de orientar os filhos conforme lhes aprovesse, sem que o Estado pudesse ter ingerência sobre eles.

Das antigas escolas eminentemente religiosas, que vicejaram no Oriente, surgiram em Roma as escolas públicas, aproximadamente no século V a.C.

* **Amélia Rodrigues** - (1861 - 1926). Poetisa baiana, dramaturga, mestra, jornalista, palestrante, articulista, editora, revisora e escritora respeitada. Após seu retorno à pátria espiritual passou a escrever por intermédio de Divaldo Franco.

* **Divaldo Franco** – Professor e Doutor Honoris Causa em Humanidades, considerado um dos mais consagrados oradores e médiuns da atualidade. Fundador da Mansão do Caminho, já psicografou mais de 250 obras que foram traduzidas para 16 idiomas. Embaixador da Paz no Mundo, título recebido em Genebra, na Suíça, em 30 de dezembro de 2005, pela Embassade Universalle Pour la Pax. www.mansaodocaminho.com.br

Posteriormente, os métodos romanos sofreram significativa influência do pensamento e da pedagogia grega com o enriquecimento da proposta filosófica. No período de Adriano, no entanto, o Estado passou a influir poderosamente na educação, retirando o poder dos pais e mantendo objetivos definidos para serem formados os cidadãos.

A Idade Média se caracterizou pela proposta da educação, exclusivamente, orientada pelos religiosos, de forma que a cultura experimentou um grande vazio, abatendo-se sobre o pensamento a névoa da ignorância que predominou por muitos séculos. A Religião e o Estado abafaram, nesse período, os valores da evolução e impediram o desenvolvimento da educação. Apesar disso, surgiram os *mestres livres*, que superaram os impedimentos eclesiásticos, facultando o surgimento do futuro humanismo e das universidades, caracterizando-se pela presença de *alunos leigos* que obrigaram o Estado a interferir no processo, tornando-se responsável por uma parte desse desenvolvimento.

Saindo do totalitarismo repressivo da educação religiosa, a Renascença fez que reflorescessem as propostas filosóficas do passado, propondo um retorno à cultura nas suas fontes mais representativas com a dignificação da criatura. Nesse período, a Reforma apresentou uma proposta de educação universal, auxiliando o indivíduo a crescer interiormente, de forma a entender a sua perfeita identidade com Deus.

A partir desse momento, apareceram as escolas que se podem classificar como modernas, graças aos programas então estabelecidos.

Por sua vez, a Contrarreforma procurou reagir, transmitindo a seus discípulos os princípios da fé católica, ampliando-se o quadro das escolas religiosas para tal fim.

O progresso, porém, é inevitável e, a partir desse momento, ao ensino verbalista foram apresentados pelos pensadores novos métodos de educação, destacando-se as críticas de Rabelais e de Montaigne ao sistema vigente, como as propostas de Comenius, de Locke, e mais tarde, de Rousseau, que exerceu ponderável influência na educação e até hoje ainda se encontra presente em muitas escolas.

Foi, porém, o eminente educador suíço Pestalozzi, quem investiu na criança demonstrando que ela é um ser em formação

e que todo processo de educação deve ser-lhe dirigido de forma especial, acompanhando-lhe o desenvolvimento mental.

Quase ao mesmo tempo, Froebel criou os *Jardins de Infância*, após inspirar-se nos planos educacionais de Pestalozzi, o mesmo sucedendo com Fichte, que se lhe tornou grande difusor dos ensinamentos e métodos.

Pestalozzi iniciou a doutrina da educação intuitiva, facultando a Herbart, o filósofo alemão, a *instrução educativa*, tornando-se este o promotor do interesse, do despertar do aluno para descobrir a vida, adquirir conhecimentos em torno de tudo quanto lhe diz respeito e apraz. Desse modo, as ideias se transformaram em ação. A notável experiência de Herbart fez que ele se tornasse o precursor da Psicologia Experimental.

Os séculos XIX e XX foram enriquecedores na área da educação, particularmente com a cooperação de Augusto Comte, Pavlov e a contribuição de muitos outros homens e mulheres notáveis, entre os quais, psicólogos e pedagogos quais Maria Montessori, Piaget, Anísio Teixeira, que alargaram as possibilidades do entendimento em favor do educando como do próprio educador.

Não obstante todo esse largo processo evolutivo nos conceitos e métodos, a educação ainda não alcançou o seu fanal, que é libertar o indivíduo das suas paixões e compromissos negativos que o atam ao passado, na condição de Espírito imortal que é, em crescimento e desenvolvimento das potencialidades que lhe jazem adormecidas.

A verdadeira educação é aquela que tem caráter global, que atende o ser em todas as suas expressões, infunde-lhe hábitos morais saudáveis, graças aos quais se formam o caráter, a personalidade, que se lhe integram à essência espiritual, e essas conquistas são transferidas de uma para outra reencarnação de forma a alcançar a felicidade real.

Essa educação não pode prescindir dos métodos psicopedagógicos da atualidade, porém ampliados com a orientação espiritual, que levará o educando à compreensão da sua realidade eterna, da finalidade da existência terrena e de como conduzir-se para conseguir o êxito que lhe está destinado.

Esse processo centra-se no amor, que deve ser a tônica do educador e plenamente concorde com o conhecimento intelectual, na compreensão dos valores morais do

educando, trabalhando-lhe a *argila cerebral*, de forma a plasmar nela os tesouros inalienáveis do Espírito, sem castração nem liberação total, antes auxiliando-o a disciplinar-se e desenvolver os sentimentos elevados com os quais marchará no rumo da sua liberação total.

Nesse sentido, a família sempre desempenhará um papel de relevante importância, por ser o lar a primeira expressiva escola, onde se ensina através do exemplo, conforme as experiências e vivências que fazem parte da existência corporal. Nele, cada qual se expressa como é e demonstra os valores de que se faz portador. Por isso mesmo, o exemplo dos pais e, por extensão, do grupo familiar, é de fundamental importância para o desenvolvimento e a educação dos filhos.

Igualmente educam todos aqueles que intercambiam lições de vida, tornando-se, desse modo, exemplos positivos ou negativos que decorrem da forma como se conduzem.

O processo educativo é incessante, para alcançar novos patamares no rumo da evolução.

Educar-se para melhor educar, eis o grande desafio, mediante o qual o indivíduo alcança a autorrealização.

A educação para a plenitude do ser, portanto, é a única maneira de construir uma sociedade rica de amor e de valores éticos, na qual as injustiças sociais, políticas e discriminatórias de toda a espécie deverão ceder lugar à vigência da verdadeira fraternidade.

Tendo-se Jesus como *guia e modelo* nesse desiderato, a tarefa árdua e inadiável da educação torna-se um ministério de abençoados recursos iluminativos e libertadores, que propõem o surgimento de Nova Era para a Humanidade, que é a do Espírito plenamente feliz.

(Extraído do livro *Compromissos de Amor*, Capítulo 6, psicografado por Divaldo Franco, da autoria de Diversos Espíritos. Salvador, LEAL, 2014. Autorizada a publicação nesta Revista por Divaldo Franco).

Amélia Rodrigues



<http://www.ameliarodrigues.org.br/instituicao/>